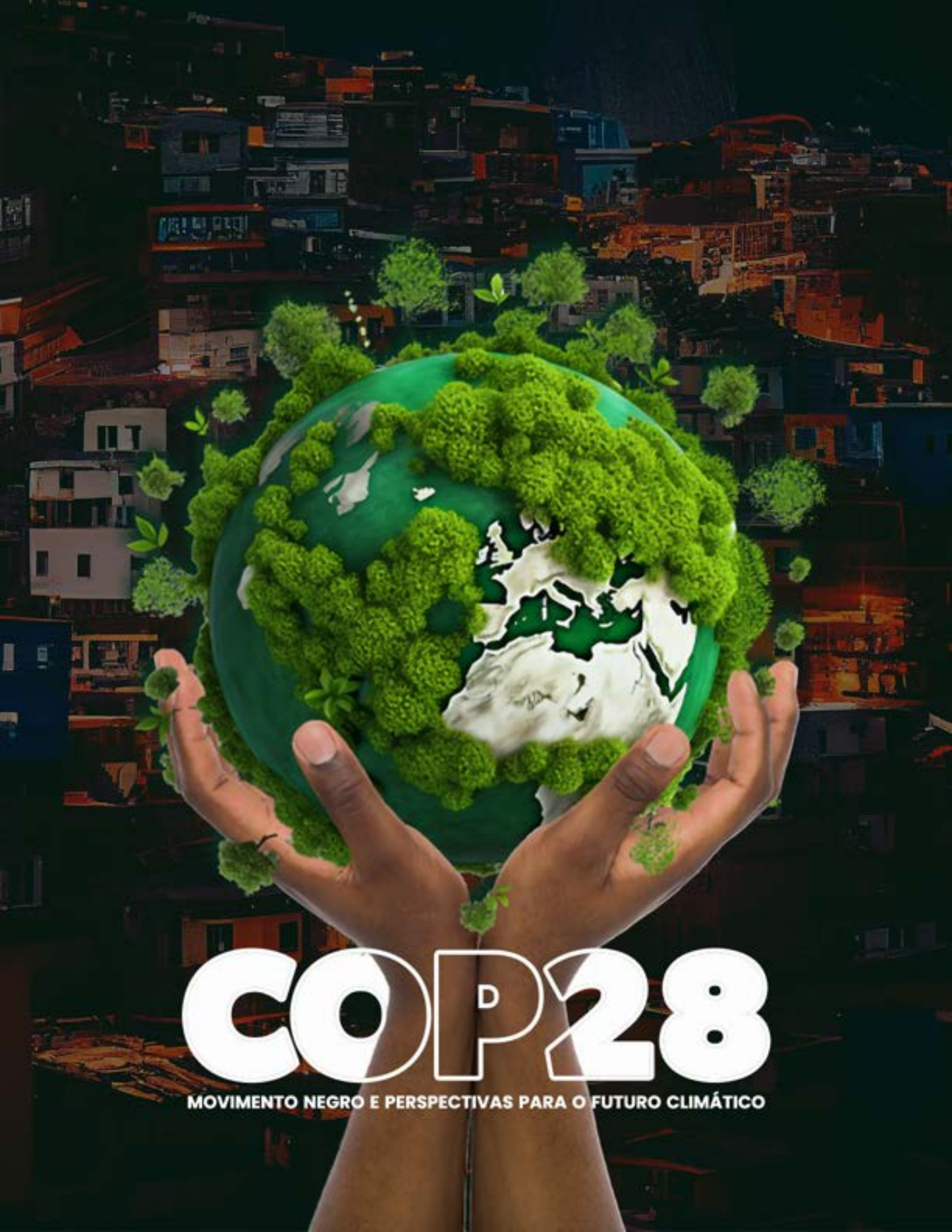




COP28

MOVIMENTO NEGRO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO CLIMÁTICO

FICHA TÉCNICA

Organização

Natália de Sena Carneiro

Textos

Beatriz Lourenço

Leticia Leobert

Mariana Belmont

Natália de Sena Carneiro

Raull Santiago

Vanessa Nascimento

Transcrição de depoimentos

Fernanda Myato

Projeto Visual

KK Santos Filho - SenDigital

Revisão

Iradj Eghrari

Natália Carneiro

Organizações Parceiras

Casa Sueli Carneiro

Geledés - Instituto da Mulher Negra

Instituto de Referência Negra

Peregum

Papo Reto

PerifaConnection

Realização

Geledés - Instituto da Mulher Negra

Apoio

Ford Foundation - Brasil



Realização



março/2024

SUMÁRIO

04

Introdução

05

Movimento Negro na Conferência
do Clima da ONU

07

Impactos das Mudanças Climáticas
na Saúde da População Negra

09

Caminhos para COP30

11

Impressões de Geledés sobre a COP

13

A Influência dos Coletivos de Favelas e
Periferias na Cop 28

15

A participação do Instituto de Referência
Negra Peregum na COP28: Aprendizados

17

Depoimentos

Nos dias 6 e 7 de novembro de 2023, seguido de um treinamento in loco em Dubai no dia 4 de dezembro, as organizações do movimento negro Casa Sueli Carneiro, Geledés Instituto da Mulher Negra, Instituto de Referência Negra Peregrum, Papo Reto e Perifaconnection estiveram envolvidas em uma formação de preparação para a 28ª Conferência das Partes (COP), realizada em Dubai entre novembro e dezembro do mesmo ano.

Com o apoio da Ford Foundation Brasil e sob a facilitação de Iradj Eghrari, a formação capacitou as organizações para atuarem em fóruns internacionais no sistema da ONU, incluindo participação em mesas

de negociação. Além disso, discutiu-se como as organizações do movimento negro poderiam intervir direta ou indiretamente nos documentos oficiais da COP28.

O resultado foi uma participação efetiva de todas essas organizações na conferência, o que caracteriza a formação como um grande sucesso.

Nesta cartilha, compilamos os posicionamentos das organizações participantes em relação às questões climáticas. Apresentamos uma análise sobre a participação do movimento negro na COP 28, destacando a importância de discutir a saúde da população negra em relação às mudanças climáticas. Também abordamos como a atuação de organizações negras brasileiras nas últimas conferências sobre o debate climático foram influenciadas pelo aprendizado da Eco-92 e projetamos a atuação dos movimentos sociais, sobretudo do movimento negro, na COP 30, que será sediada no Brasil.

A cartilha também inclui a participação das periferias e da juventude nos debates climáticos, além de depoimentos dos representantes das organizações participantes do treinamento.

INTRO DUÇÃO

Movimento Negro na Conferência do Clima da ONU

Por Mariana Belmont*



Representantes de organizações da Coalizão Negra por Direitos na COP28

Mariana Belmont – Assessora de Clima e Racismo Ambiental de Geledés – Instituto da Mulher Negra, faz parte do conselho da Nuestra América Verde e da Rede por Adaptação Antirracista

Texto publicado originalmente no site Gênero e Número

Depois de 13 dias respirando combustíveis fósseis, nos Emirados Árabes Unidos, andando muitos quilômetros diariamente dentro do Expo Dubai, a COP28, Conferência do Clima da ONU, acabou com aquele sorriso no canto da boca. Foi bom, mas sempre poderia ser melhor. Não cheguei lá achando que teríamos grandes decisões e iríamos pegar um voo de 15h com alegria e festa dentro do avião apertado.

Os olhares cansados na visão turva de Dubai eram comuns. E a dor no pé, claro. Nos momentos de encontro entre a sociedade civil brasileira e o governo do país, era visível o cansaço. Todos comprometidos com suas agendas, mas as palavras saíam erradas, trocadas, e os olhares perdidos, pela falta de tempo para a humanidade e para as decisões mais fortes.

É preciso ser honesto nos processos históricos. O movimento negro sempre esteve presente na luta pela preservação e contra o aquecimento global, dos territórios às negociações internacionais, com pesquisas, com conversas bilaterais. Dizer que ele nunca esteve é a prática do deixar morrer. O que acontece, de fato, é a invisibilidade para a imprensa, para as organizações ambientalistas brancas, para uma “elite” que transformou o tema em exclusividade da branquitude, assim a maioria da população não teria acesso ou direito de participar das decisões. Podemos chamar de racismo também.

A [Associação Iyaleta – Pesquisa, Ciências e Humanidades](#) é hoje um dos principais grupos de produção científica sobre desigualdades e mudanças climáticas nos espaços urbanos da Amazônia Legal e do Nordeste, com atenção às intersecções de raça, etnia, gênero, geração, território e saúde.

Nos últimos três anos, a [Coalizão Negra Por Direitos](#) esteve presente na Conferência do Clima, para acompanhar reuniões bilaterais com governos, para articular com a sociedade civil mundial e, sobretudo, para denunciar o racismo ambiental nos territórios negros do Brasil.

Em 2023, Geledés – Instituto da Mulher Negra esteve na conferência pela primeira vez, o que reforçou a presença do movimento negro no evento. Nas plenárias de negociação, o instituto pediu uma menção específica no texto principal aos direitos dos afrodescendentes, isto é, a diáspora formada pelos descendentes dos africanos escravizados, que tiveram o Brasil como destino, em sua maior parte.

A população negra no Brasil tem sofrido de forma extrema a crise climática, no transporte, na alimentação, na saúde, no trabalho e na falta de políticas públicas. Precisamos falar sério sobre isso, nacional ou internacionalmente. Levar em consideração gênero, raça e todos os direitos humanos básicos na hora das escolhas políticas é fundamental. E o movimento negro brasileiro não vai recuar.

Impactos das Mudanças Climáticas na Saúde da População Negra

Por Leticia Leobet e Mariana Belmont

Leticia Leobet – Assistente de Projetos de Geledés - Instituto da Mulher Negra

Mariana Belmont – Assessora de Clima e Racismo Ambiental de Geledés – Instituto da Mulher Negra, faz parte do conselho da Nuestra América Verde e da Rede por Adaptação Antirracista

As mudanças climáticas e seus efeitos na saúde, especialmente para a população negra, constituem uma questão crítica e interligada ao combate ao racismo. Este artigo destaca os impactos desproporcionais e os desafios enfrentados por comunidades afrodescendentes, abordando temas como saúde quilombola, doenças do coração e anemia falciforme.

A conexão entre mudanças climáticas e saúde foi evidenciada na onda de calor de 1988, descrita no filme “Faça a Coisa Certa” de Spike Lee. Esses eventos extremos, associados a tempestades e incêndios, não apenas geram prejuízos significativos, mas também resultam em desigualdades na exposição aos impactos. As comunidades negras, muitas vezes em áreas de alta vulnerabilidade, enfrentam consequências mais graves.

A interseccionalidade de gênero e raça acentua os desafios, impactando negativamente mulheres e meninas afrodescendentes, conforme evidenciado pela pesquisa “Nossas palavras”. A mudança climática agrava problemas de saúde materna, violência de gênero e vulnerabilidades, como o casamento infantil.

A saúde das comunidades quilombolas é especialmente afetada pela combinação de disputas por terras, desmatamento e mudanças climáticas. A insegurança alimentar resultante contribui para uma série de problemas de saúde, desde anemia até problemas mentais e aumento da suscetibilidade a doenças.

Os impactos na saúde cardiovascular devido ao calor extremo são mais pronunciados em comunidades marginalizadas, onde a falta de infraestrutura agrava o efeito de ilha de calor urbano. O subinvestimento histórico nessas áreas intensifica os riscos à saúde, tornando essas populações mais vulneráveis às mudanças climáticas.

A anemia falciforme, prevalente na população negra, enfrenta riscos adicionais com as mudanças climáticas, como aumento da poluição do ar e eventos climáticos extremos. Esta condição genética já afeta significativamente a saúde da população negra, sendo responsável por uma parte considerável dos novos casos diagnosticados no Brasil anualmente.

Em negociações climáticas, o reconhecimento dos impactos desproporcionais nas comunidades afrodescendentes é crucial. O Acordo de Paris destaca a necessidade de respeitar direitos humanos, mas o foco permanece nos financiamentos, enquanto as discussões sobre direitos fundamentais são deixadas em segundo plano.

Concluindo, a urgência em abordar as interseções entre mudanças climáticas, racismo e saúde é evidente. O comprometimento global deve transcender as palavras para ações efetivas, garantindo justiça climática e proteção da saúde para todas as comunidades, especialmente as mais vulnerabilizadas.

Caminhos para COP30

Por Natália Carneiro*

Natália Carneiro - Jornalista,
é diretora e coordenadora de
Comunicação da Casa Sueli Carneiro



Há 32 anos, o Brasil foi palco da Eco-92 ou Rio 92, um dos mais marcantes encontros globais para debater questões ambientais. Representantes de mais de 170 países se reuniram para confrontar as violações ambientais e a falta de preparo dos governos diante de questões fundamentais para o futuro do planeta.

A Eco-92 não foi apenas uma conferência; foi um marco que evidenciou a urgência de se discutir o clima e seu impacto nas vidas das pessoas e dos ecossistemas. Após o evento, as organizações Geledés Instituto da Mulher Negra e Soweto, trouxeram na publicação “Há um buraco negro entre a vida e a morte” temas como a contribuição participativa do Movimento Negro, com propostas de prioridades básicas, contribuições para planejamento sustentável e uma análise política sobre a inserção do negro no século XXI no debate do clima. A cartilha sobre a publicação pode ser lida no [Acervo Sueli Carneiro](#).

O tempo avançou e novos debates sobre o clima foram colocados. As Conferências Climáticas da ONU se sucederam, e a presença dos movimentos negros brasileiros foi cada vez mais notável, assim como o movimento indígena que trouxeram para o debate demarcações de terra, racismo ambiental, interseccionalidades e violação dos compromissos assumidos na Eco 92. Porém, apesar dos avanços tecnológicos e das ações políticas, as vozes das comunidades tradicionais continuam marginalizadas nas mesas de decisão.

No Brasil, mulheres negras, indígenas e periféricas, detentoras de saberes ancestrais fundamentais para a conservação dos territórios e a mitigação das mudanças climáticas, continuam sendo as mais afetadas pela crise ambiental. A falta de representatividade nos espaços de poder é gritante e acentua as desigualdades climáticas.

À medida que nos aproximamos da COP 30, que será sediada em 2025 na Amazônia brasileira, em Belém do Pará, norte do Brasil, é importante que aprendamos com os erros do passado e presente para não repetir as violências e o racismo ambiental presentes nos territórios tradicionais, ribeirinhos, no campo e na cidade.

A Casa Sueli Carneiro, instituição que valoriza o reconhecimento da memória negra, a partir dos seus feitos, destaca a importância de trazer o direito à memória para o debate climático, junto a uma política de reparação. É necessário reconhecer as injustiças do passado e suas consequências no presente, para construirmos um futuro mais justo e sustentável, garantindo a redução das desigualdades, combatendo o racismo ambiental, fazendo consultas públicas e participação cidadã, à luz dos princípios constitucionais e tratados internacionais vigentes, como pontua a Coalizão Negra por Direitos.

Diante do desafio territorial e global que enfrentamos, a COP 30 não é apenas uma oportunidade, mas uma responsabilidade coletiva. Que possamos aprender com o passado.

Impressões de Geledés sobre a COP



A 28ª Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (COP 28), realizada em Dubai, nos Emirados Árabes, aconteceu do dia 29/11 ao dia 12/12, o que se pode destacar como percepção geral de Geledés é que obtivemos um marco, que foi o avanço significativo no debate sobre a interseção entre raça e mudanças climáticas. Nós, de Geledés – Instituto da Mulher Negra fomos decididas a garantir que a questão racial passasse a integrar as discussões sobre os impactos das mudanças climáticas na agenda da ONU. E isso efetivamente aconteceu.

A COP é um universo de possibilidades em termos de incidência, nós optamos estrategicamente em participar ativamente dos processos de negociação, basicamente as arenas onde representantes globais se encontram para discutir e negociar soluções para desafios climáticos. Préviamente, nós acompanhamos de perto os documentos e posições que envolviam o Estado brasileiro, inclusive enviamos um relatório detalhado evidenciando a intersecção entre racismo e questões ambientais, que foi apresentado ao governo e a diversas figuras-chave, incluindo representantes do Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas e parlamentares envolvidos com as questões ambientais e raciais. Esse processo foi decisivo para o alcance dos resultados dessa missão.

Em termos de resultados, uma das conquistas importantes foi a inclusão do termo “afrodescendentes” e a associação entre raça e gênero em um dos debates centrais da COP, o Global Stocktake (GST) ou Balanço Geral. Embora a proposta de incluir explicitamente o termo “raça” no documento final não tenha sido atendida, o debate sobre a questão racial na esfera ambiental tornou-se parte integrante das discussões, aumentando a pressão sobre os Estados membros.

Durante a cúpula, nos posicionamos de várias formas, destacando os impactos do racismo ambiental, especialmente para as mulheres negras. Apesar do documento final não refletir nossas recomendações, podemos garantir que a discussão sobre a questão racial na área ambiental ganhou destaque, exigindo respostas mais ágeis e efetivas do Estado brasileiro e demais membros da ONU.

Além disso, a COP 28 proporcionou interlocuções nacionais e internacionais para o Geledés. por meio do reconhecimento da importância de intervenções sobre mulheres afrodescendentes. Isso nos impulsionou ainda mais para os próximos passos em levar essa discussão para a conferência prévia sobre mudanças climáticas em 2024, em Bonn, na Alemanha.

No âmbito nacional, a COP 28 fortaleceu a união das organizações negras brasileiras no combate ao racismo ambiental. A Coalizão Negra Por Direitos, incluindo a Conaq e o Geledés, vem há pelo menos três anos conduzindo debates sobre racismo ambiental nas conferências da ONU. Na COP 28, cerca de 20 representantes da Coalizão Negra por Direitos participaram ativamente do encontro, consolidando esforços para enfrentar os desafios presentes na interseção entre raça e mudanças climáticas.

A Influência dos Coletivos de Favelas e Periferias na Cop 28

Por Raul Santiago*



Raul Santiago - Ativista, cria do complexo do alemão e diretor executivo do coletivo papo reto

menu

Enquanto coletivos oriundos de territórios de favelas e periferias, termos participado da formação em incidência internacional apoiada pela Fundação Ford, foi um potencializador na forma como ocupamos alguns espaços de agendas nacionais e internacionais de impacto na sociedade como um todo. Afinal, a dificuldade que a juventude tem de acessar esses espaços é enorme, então, ter um direcionamento formativo e tão organizado como esse que pudemos acessar, fez toda a diferença em ambientes tão afastados da realidade do jovem ou pessoas que são da periferia.

Acredito que a maior expressão disso nós vimos na COP28 - em Dubai, onde, apesar de já termos participado de outras edições, a partir da formação chegamos muito mais preparados para se organizar e ocupar a conferência, em especial nos encontros de líderes mundiais e tomadas de decisão, tendo real noção de como funcionam as votações, os encaminhamentos e as reuniões, o que antes acontecia de forma mais intuitiva. Enquanto Coletivo Papo Reto e Perifaconnection, acreditamos que essa estratégia de formação foi tão positiva que poderia ser replicada novamente, com mais pessoas e movimentos.

A participação do Instituto de Referência Negra Peregum na COP28: Aprendizados

Por Vanessa Cristina do Nascimento e Beatriz Lourenço do Nascimento



Vanessa Cristina do Nascimento - Diretora Executiva do Instituto Peregum

Beatriz Lourenço do Nascimento - Diretora de Incidência Política e Litígio Estratégico do Instituto Peregum

Na COP 28, realizada em Dubai, representamos o Instituto Peregum, contribuindo para o debate sobre justiça climática e racismo ambiental. Embora tenha sido a nossa primeira participação, alguns membros do Instituto estiveram presentes em edições anteriores como Escócia e Egito, centrando suas ações na articulação do Movimento Negro em busca de incidência e promoção do debate público sobre racismo ambiental e justiça climática.

Conhecimentos Adquiridos no Treinamento

O treinamento prévio foi crucial para nossa compreensão dos espaços de negociação, intervenções da sociedade civil, a importância da relação com os delegados brasileiros através do diálogo com o Itamaraty, e a necessidade de conhecimento das agendas anteriores à COP que pautam o debate que acontece durante a Convenção.

Participação e Aplicação dos Conhecimentos na COP 28

Enquanto Instituto participamos como Painelistas de um evento realizado em cocriação com o BNDES cujo tema era a mobilização de recursos para o financiamento de mitigação. Além disso, acompanhamos painéis propostos pelo Movimento Negro através da Coalizão Negra Por Direitos e outras organizações, do encontro com Ministros de Estado e com o Presidente da República. Por fim, acompanhamos sem intervenção ao menos 2 espaços de negociação, com mais afinco a negociação “Revisão do progresso, eficácia e desempenho do Comitê de Adaptação” (item 12 da SBI 58 e item 4 SBSTA 58). Quanto ao mais, participamos de reuniões e diálogos com outras organizações do campo.

Os conhecimentos do treinamento nos ajudaram a compreender tanto os espaços de negociação quanto o papel de pressão e articulação da sociedade civil. Destacamos que, a possibilidade de participar do terceiro módulo do encontro formativo que ocorreu ainda na primeira semana de COP fortaleceu nosso conhecimento e nos auxiliou com dúvidas que foram aparecendo durante o encontro.

DEPOI MENTOS

Thux

Oi galera, tudo bem? Aqui é a Thux, do Perifa Connection, e estou aqui em Dubai para a COP 28. A gente sabe que esses espaços são muito excludentes, então para saber os códigos, é importante aprender antes. Então, o Perifa teve nesses treinamentos e nós estamos preparados para participar das negociações e com isso queremos entrar nas salas de negociações para poder defender os direitos e as pautas do movimento negro e da juventude periférica.



Beatriz

No nosso caso, em Peregum, eu e Maira que cuida do tema de racismo ambiental, estamos na COP pela primeira vez. Então compreender minimamente o que é esse espaço e quais são as discussões oficiais, quais são as discussões paralelas ajudou bastante a gente a entender e a qualificar nossa atuação.



Natália

Foi a primeira vez da Casa Sueli Carneiro numa COP e também em uma agenda da ONU. Pra gente que nunca tinha vindo pra uma agenda internacional, eu acho que ter o treinamento foi fundamental pra que a gente não chegasse aqui perdida e soubesse os pontos a serem discutidos



Raull

Dubai é a minha terceira COP e eu achei que eu já entendia bastante de COP porque eu já tinha ido para duas outras. A gente já faz bastante incidências, mas participar desse treinamento foi central. Eu acho que era a peça que faltava pra conectar os vários pontos, então foi um ganho enorme, eu fiquei muito ansioso e agitado, inclusive, querendo juntar mais gente pra participar de um momento como esse, como esse treinamento, porque foi muito potente e muito importante.



Letícia

Tive acesso a uma série de informações que são informações muito específicas no que diz respeito à estrutura da COP, e com foco nos espaços de negociação.



Iradj

“Por iniciativa da Fundação Ford nós tivemos a oportunidade de acompanhar e realizar um treinamento de capacitação para atuação dentro da COP. Tivemos duas sessões virtuais de quatro horas cada uma, com as organizações negras que são apoiadas pela Fundação Ford. Cerca de vinte pessoas participaram e nem todas poderiam estar na COP. Mas esse foi o grande lance, a ideia não era só uma capacitação para quem iria à COP, mas para quem poderia incidir na COP, e para quem, do Brasil incidir no sistema. Fechamos esse ciclo de treinamento, com um treinamento in loco, em Dubai, com os participantes, quando aprenderam a navegar dentro do sistema da COP, que é muito doido, mas aprenderam a como se faz a incidência dentro dos ambientes de negociação de documentos e textos, e também a incidência nos ambientes onde rolam os grandes temas e as grandes discussões.”





GELEDÉS
INSTITUTO DA MULHER NEGRA

[Geledés Instituto da Mulher Negra](#)



**CASA
SUELI
CARNEIRO**

[Casa Sueli Carneiro](#)



Instituto de Referência Negra
PEREGUM

[Instituto de Referência Negra - Peregum](#)



**COLETIVO
PAPO
RETO**

[Coletivo Papo Reto](#)



[Perifa Connection](#)



GELEDÉS
INSTITUTO DA MULHER NEGRA